

### **Izabel Sadalla Grispino \***

A abrangência da problemática educacional é ampla em todos os aspectos, seja nos graus de ensino, nas ofertas de suas modalidades, das metodologias empregadas, atendendo ao perfil do aluno, às suas características socioeconômicas.

Hoje, a escola se volta para o atendimento plural, visando às diversas camadas sociais, e para o atendimento individual, procurando dar condições apropriadas ao desenvolvimento de cada aluno. Ela abriga, em seu recinto, o aluno de aproveitamento insuficiente, o de aproveitamento regular, o que está acima da média – o aluno de altas habilidades e os portadores de deficiência: visual, física, mental, tipo síndrome de Down.

A luta para se adequar ao ensino do aluno deficiente, para lhe dar meios adequados a um atendimento eficaz foi, pouco a pouco, ganhando consciências e vencendo preconceitos. A maior luta do momento é sobre a educação da criança autista: o desconhecimento do assunto, as velhas concepções que ainda permanecem arraigadas.

Embora o autismo seja um problema que vai além das fronteiras da escola regular, é importante os profissionais da educação inteirar-se dessa síndrome, cultivando, pelo seu conhecimento, clareiras, visando possibilidades de acolhimento a essas crianças.

É preciso quebrar barreiras. A escola ainda continua seletiva, pronta para ensinar apenas alunos acostumados ao mundo das letras e de alcance, pelo menos, médio. Minorias, como no caso do autismo, são praticamente esquecidas pelo governo e pela sociedade. Existe uma política para criança especial com Down ou paralisia cerebral, mas nada ou quase nada para os autistas. Faltam instituições com programa integrado de atividades que estimulem o seu desenvolvimento. Pais de crianças autistas se desesperam, porque não encontram unidades especializadas próprias que ofereçam atendimento gratuito e integral aos filhos. O médico neurologista detecta o transtorno, mas não tem para onde encaminhar mãe e filho.

O tratamento é muito importante para o desenvolvimento da criança autista. Quanto mais cedo for diagnosticado o problema e quanto mais cedo o tratamento, mais fácil ao portador da síndrome levar uma vida beirando à normalidade. Os autistas, diferentemente dos portadores da síndrome de Down, são freqüentemente confundidos com portadores de outros transtornos, como a esquizofrenia. São crianças com dificuldade de comunicação, de respostas aos estímulos, afastadas da realidade que as cerca. A maior parte das escolas, mesmo as particulares, recusa-se a receber a matrícula do autista.

O direito constitucional à educação é barrado tanto pelas escolas privadas, quanto pelas escolas públicas. Pouco se propaga a respeito. No Rio de Janeiro, ao que se sabe, há escolas públicas que oferecem turmas especiais, com apenas 50 minutos diários de atividades, o que é muito pouco. Até para os pais mais abonados, há poucos centros de reabilitação para autistas, e cobra altas mensalidades. Poucas pessoas reconhecem o autismo e muito poucas dão importância ao seu desenvolvimento, dedicando-se a atividades que possam melhorar a vida dessas crianças.

A medicina mostra que o diagnóstico tardio é danoso. Quanto mais cedo se detectar o autismo melhor, de preferência no 1.º ano de vida ou, pelo menos, antes dos 3 anos, quando o tratamento produz resultados compensadores. A criança que começa a se tratar depois dos 5 anos tem um prognóstico diferente, aquelas que ainda não falam, nessa idade, de um modo geral, dificilmente desenvolverão a linguagem, atestam os neurologistas.

O importante é reconhecer o autista precocemente, porém, esse diagnóstico é dificultado pela pouca familiaridade dos pediatras com o assunto. Há uma recente pesquisa que chegou ao eletroencefalograma. Por meio deste, mediu-se a atividade cerebral dos pacientes, mediante um determinado estímulo luminoso. As respostas foram comparadas com os resultados de crianças normais da mesma faixa etária submetidas ao exame, que não têm a mesma reação. As crianças autistas apresentam uma atividade menor no hemisfério direito do cérebro, uma disfunção nesse hemisfério, responsável pelas emoções e convívio social.

O autista vê as pessoas fazendo as coisas, mas não atinam com os gestos, com a linguagem, não são capazes de reconhecer a entonação de uma frase. Como o cérebro das crianças, diz a ciência, tem uma facilidade de se recuperar, o diagnóstico precoce, seguido de tratamento, pode fazer que elas conquistem uma vida quase normal.

Há necessidade de um programa integrado, de atividades que estimulem o seu desenvolvimento, necessidade de uma equipe multidisciplinar, formada, entre outros, por psicólogo, fonoaudiólogo, de um expert em instrução programada, como em matemática o método de ensino Kumon, aulas de natação, atividades que levem à concentração, que exercite a memória, como jogos de computador.

Os especialistas na área citam algumas condições que podem estar ligadas ao autismo: ausência de desenvolvimento da linguagem; desinteresse por brinquedos e objetos; não olha nos olhos das pessoas; indiferença e pouca sociabilidade; ansiedade; hiperatividade e situações de agressividade repentina; faz movimentos repetidos com as mãos e pernas; descontrole ocasional das necessidades biológicas; transtornos de alimentação.

\* **Supervisora de ensino aposentada.** □ □ □ □ □  
(Publicado em dezembro/2005)